

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Antropologia



Trabalho de Conclusão de Curso

A Cidade e sus Márgenes
Montando um diário gráfico sobre Jaguarão/RS

Juliana dos Santos Nunes

Pelotas, 2021

Juliana dos Santos Nunes

A Cidade e sus Márgenes
Montando um diário gráfico sobre Jaguarão/RS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Ciências
Humanas da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharela em
Antropologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Flávia Maria Silva Rieth

Pelotas, 2021

Juliana dos Santos Nunes

A Cidade e sus Márgenes
Montando um diário gráfico sobre Jaguarão/RS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharela em Antropologia, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 25/11/2021

Banca examinadora:

Prof. Dr.^a Flávia Maria Silva Rieth (Orientadora)
Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Francisco Luiz da Silva Pereira Neto
Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr.^a Marília Floor Cosby
Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

N972c Nunes, Juliana dos Santos

A cidade e sus márgenes : montando um diário gráfico
sobre Jaguarão/RS / Juliana dos Santos Nunes ; Flávia Maria
Silva Rieth, orientadora. — Pelotas, 2021.

45 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Antropologia) — Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Etnografia. 2. Diário gráfico. 3. Cidade. 4. Margens.
5. Montagem. I. Rieth, Flávia Maria Silva, orient. II. Título.

CDD : 305.8

*Para Maria - a abuela - como se fosse uma "deusa coroada"
Para Aldyr Garcia Schlee (in memoriam) como se fosse mentira*

Agradecimentos

Agradecer, ato de pensar no outro como parte daquilo que nós somos, fazemos ou escrevemos, quiçá sonhamos!

Nessas "verdades cheias de mentiras" que aqui trago nessas malhas meio remendadas, entre montagens e recortes de diversos trabalhos que pensei e fiz junto aos colegas, amigas e amigos, interlocutores e aos professores e professoras do curso de antropologia.

Agradeço primeiramente aos meus pais Cláudia e Paulo pela alegria da existência, do amor que uniu vocês e gerou a vida que me deram, sempre primando pelos meus estudos e formação enquanto pessoa e também enquanto profissional! Obrigada por tudo mis viejos!

À minha abuela Maria, minha "deusa coroada". Pela alegria de saber que estás aqui, com teus 90 anos, vividos com plenitude, sabedoria, resiliência e afeto, pois tu és entre tantas, aquela que ama, feito a pétala de uma flor. Gracias por tudo que representas para mim.

Às minhas tias Cândida e Marta pela energia que vocês têm e representam enquanto força de mulheres vivazes!

Aos meus irmãos, por ter aprendido tanto com vocês: Patrícia, Kevim, Patrick, Wellington e Henrique. E também aos meus sobrinhos: Guilherme, Dominique, Cecília e Christofer.

Ao meu companheiro Sérgio pelo amor e alegria de compartilhar a vida contigo e nossos bichos.

À querida amiga Joice, com todo meu amor, por nossa amizade de uma vida! Extensivo ao Cristiano e minha querida afilhada Thainá.

Às amigas Josete, Cassiane, Tereza, Rosilene, Simone, Leonardo, Lucas, Sibele, Paula, vocês são minha constelação de luz.

Às mestras com admiração: Prof^a Cláudia Turra, Prof^a Flávia Rieth, Prof.^a Renata Menasche, Prof.^a Adriana Peñafiel, Prof.^a Rosane Rubert, Prof.^a Louise Alfonso, Prof.^a Marília Cosby. Aos mestres: Prof. Francisco, prof. Guilhermo, prof. Rafael Noleto.

Ao querido servidor Álbio, pelas prosas que tivemos ao longo do curso e pela saudade que deixou quando de sua aposentadoria! Gracias!

Agradeço também à servidora Thaíse por toda dedicação que tem no desempenho de sua função. Gracias!

À minha querida turma de 2017! Airton, Luiz, Bruno, Juliano, Martha, Tainara, Júlia, Matheus, Leonardo, Isabela, vocês fizeram essa segunda estada pela universidade um caminho mais ameno e indelével!

Movimiento

Apenas nos pusimos en dos pies
Comenzamos a migrar por la sabana
Siguiendo la manada de bisontes
Más allá del horizonte
A nuevas tierras, lejanas
Los niños a la espalda y expectantes
Los ojos en alerta, todo oídos
Olfateando aquel desconcertante paisaje nuevo,
desconocido
Somos una especie en viaje
No tenemos pertenencias sino equipaje
Vamos con el polen en el viento
Estamos vivos porque estamos en movimiento
Nunca estamos quietos, somos trashumantes
Somos padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes
Es más mío le que sueño que lo que toco
Yo no soy de aquí
Pero tú tampoco
Yo no soy de aquí
Pero tú tampoco
De ningún lado del todo
De todos lados un poco

Jorge Drexler

Resumo

O presente trabalho tem a finalidade de apresentar uma etnografia em forma de montagem de um diário gráfico, trazendo e radicalizando a linguagem poética e antropológica, mostrando as diversas possibilidades de escrita do texto acadêmico, com vistas a confluir perspectivas plurais em torno da pesquisa e da metodologia, bem como das formas e maneiras de se desenvolver o campo da antropologia, atualizando o olhar sobre nossas ferramentas epistemológicas.

Além disso, busca-se apresentar a cidade de Jaguarão, fronteira do Brasil com o Uruguai, sob a luz de suas margens, ou seja, um lugar a partir das suas bordas, para além do centro histórico oficial, mostrando-a desde a mirada daquelas e daqueles que vivem seu cotidiano, por cima e por baixo da ponte, constituindo-a em uma cidade plural.

Para tanto, foram utilizadas como metodologia as caminhadas etnográficas, em grupo e solitária, a interlocução com pescadoras e pescadores da Colônia Z-25, também a utilização de um formulário eletrônico e da fotografia, compondo amplamente as páginas que se seguem.

Palavras-chave: etnografia; diário gráfico; cidade; margens; montagem.

Resumen

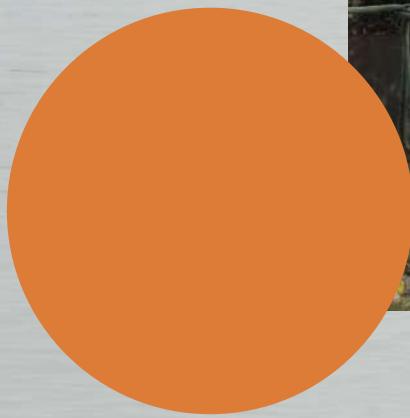
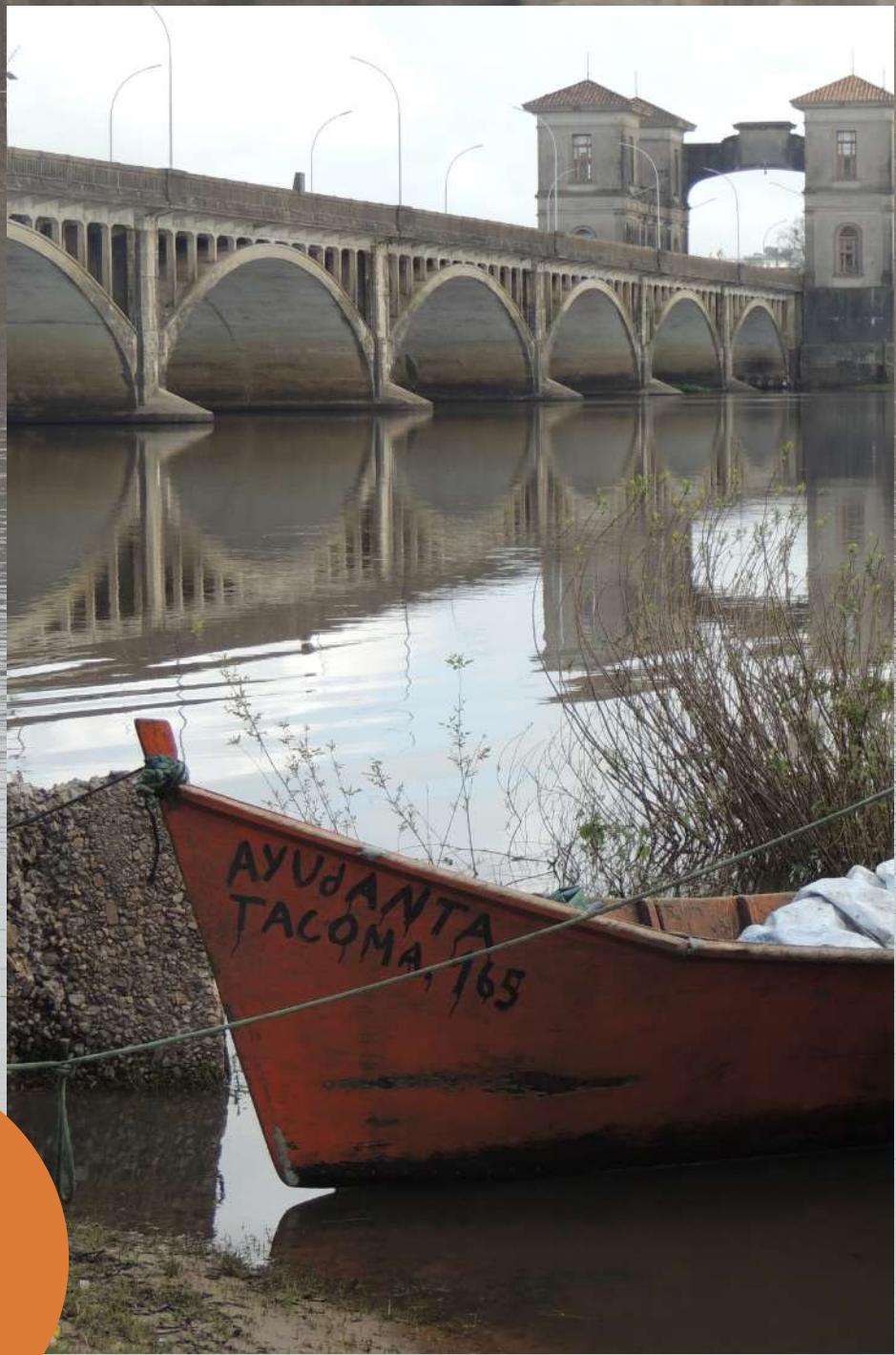
El presente trabajo tiene como objetivo presentar una etnografía en forma de diario gráfico, acercando y radicalizando el lenguaje poético y antropológico, mostrando las diversas posibilidades de redacción del texto académico, con miras a acercar perspectivas plurales sobre la investigación y sobre la metodología, así como las formas y modos de desarrollar el campo de la antropología, actualizando la perspectiva de nuestras herramientas epistemológicas.

Además, buscamos presentar la ciudad de Jaguarão, en la frontera entre Brasil y Uruguay, bajo la luz de sus orillas, es decir, un lugar desde sus fronteras, más allá del centro histórico oficial, mostrándolo desde el mirada de los que viven su vida cotidiana, por encima y por debajo del puente, constituyendo una ciudad plural.

Para ello, se utilizó como metodología las caminatas etnográficas, grupales y solitarias, diálogo con pescadores y pescadores de la Colonia Z-25, así como el uso de un formulario electrónico y la fotografía, que en gran parte comprende las siguientes páginas.

Palabras-clave: etnografía; diario gráfico; ciudad; márgenes; montaje

A CIDADDE E SUS MÁRGENES





Manifesto de Apresentação

01 Andarilhando por las calles

02 Uma Boutique Fantástica

03 A Cidade e sus Márgenes

04 Anexos

05 Referências Bibliográficas

Mary Moda

CONFECÇÕES & ACESSÓRIOS



CENTRO COMERCIAL DE JAGUARÃO
RUA JÚLIO DE CASTILHOS

Manifesto de Apresentação

Ao escrever a palavra manifesto me venho à cabeça um poema de Pedro Lemebel, escritor e cronista chileno, que conheci através de Pâmela quando num "bafo poético" que reuniu três poetas mulheres numa ocupação escolar na cidade de Pelotas, ela recitou com tamanha vivacidade que "Falo por minha diferença" ficou marcado em minha memória.

Nesse manifesto há um trecho que diz assim: "não preciso de disfarces, aqui está a minha cara, falo por minha diferença, defendo o que sou e não sou tão esquisito assim". A imagem evocada por esses versos me fazem pensar quem somos e sou, enquanto uma poeta-antropóloga e, indo além disso, o que significa manifestar essa diferença ao escrever um diário gráfico como trabalho de conclusão de curso.

Nessa diferença está contida uma trajetória de escrita que ultrapassa a da própria existência de quem lhes escreve, pois aqui me coloco dentro de uma linhagem de escritores e poetas que também vieram a ser antropólogos, ou seja, não estou só, melhor dizendo, não estamos sós, há uma legião a legitimar essa maneira ou esse jeito de escrever e sentir as coisas da vida.

Afinal a antropologia é isso: um emaranhado de vidas, coisas, gentes, seres fantásticos, corpos e vozes plurais e há muitos dizendo isso: Tim Ingold, Mariza Peirano, Ailton Krenak, Fabiana Bruno, Ana Luiza Carvalho da Rocha, Flávia Rieth, Cláudia Turra, Marília Floor Cosby, dentre outras e outros antropólogas e antropólogos, pensadores e filósofos.

Fico imaginando - dentro do conceito de Roy Wagner - a palavra pegando gosto, sendo animada por uma constelação de grafias, ardendo e pulsando, tomando corpo, enxergando e reparando nas miudezas que os trajetos de pesquisa e vida nos ensinam, aceitando isso como um fato meramente sublime, parafraseando Alberto Caeiro.

Pois é nesse sublime onde as coisas se misturam e se friccionam, se deixam ver e ser vistas: "ver no sentido radical consiste em aceitar a experiência - o risco, o desafio, a cedência - de ser olhado por aquilo que se vê". (Rilke apud Bruno, p. 202). Isso é o movimento de descoberta e alteridade que é tão caro para antropologia, constituindo o âmago de nosso fazer profissional.

No entanto, precisamos problematizar e radicalizar as dimensões sensíveis que nos afetam em campo, sensações essas muitas vezes impossíveis de descrever ou fazer o outro sentir, se tomarmos uma escrita acadêmica rigorosa, conservadora e limitante: afinal a vida não pode ser traduzida levando em consideração maneiras de expressão que não privilegiam a pluralidade de afetos e saberes e definitivamente nem a vida e tão pouco a antropologia são isso.

Estamos dentro de uma região na qual o pluriverso e o sentipensar estão presentes em nossa constituição, mais especificamente em nós que, historicamente não éramos partícipes do saber acadêmico e científico. No entanto, nada adianta as ações afirmativas, conquistadas depois de muitos anos de lutas dos movimentos sociais, se não tocarmos a universidade, provocando-a, a partir das nossas epistemologias e vivências: obviamente, isso não significa renegar todo o resto, mas reordenar o pensamento e dialogar com essas experiências, para assim podermos pensar num processo educativo inclusivo e verdadeiramente plural.

Manifesto de Apresentação

Dessa maneira, passei a pensar e compreender a antropologia a partir de um espectro que me envolvesse e me deixasse levar por suas ondas, tal qual aconteceu ao me banhar na alta Lagoa Mirim ou percorrendo pelos becos e vielas de uma Jaguarão de carne, osso e coração: assim sinto também a etnografia, na artesania e nas injustiças da vida.

Claro está, que falo desde um lugar, ou melhor, de diversos lugares, pois escrever utilizando grafias variadas não é mais fácil a ponto de deixar de lado o rigor que a universidade e nossos pares impõe, mas todo seu contrário.

O processo que aqui entrego, em formato de diário, foi feito depois de muitos anos de leituras, discussões com meus colegas e parceiros, com professoras e professores, culminando na publicação na Revista Áltera (Diário Gráfico de Jaguarão) e na Revista Tessituras (Diário Gráfico do Arroio Pepino), sendo bem recebido e apreciado por aquelas e aqueles que tiveram contato.

Além disso, na feitura de minha dissertação de mestrado, na qual tive a oportunidade de abordar um capítulo sobre metodologia poética, reuni diversos antropólogos e antropólogas para justificar a maneira como escrevi e, para minha surpresa, no processo fui descobrindo uma constelação de poetas antropólogos que desde muito antes, nos primórdios, já estavam pensando no texto e nas suas grafias, portanto, esses madeirames antropológicos não são totalmente uma novidade em nossa disciplina, mas sim uma radicalização embasada nos nossos ancestrais antropológicos.

Nesse processo, fui repensando as maneiras como encontrei o campo, ou ele mesmo foi se revelando para mim, na medida do movimento, da dispersão desses rumores e ruídos, soprando nos ouvidos feito um segredo, o que em realidade não era.

Foi, sem sombra de dúvidas, a fotografia e a poesia que me impulsionaram e fizeram reparar nas coisas que até certo momento via de maneira ingênua, quase pueril. Através das lentes de minha câmera fotográfica e de meu celular o assombro, de olhos bem arregalados, daquela cidade não somente mágica, mas suja e febril, tomou conta de cada linha e pensamento expressados aqui.

Pensando enquanto jaguarense, pesquisando em sua aldeia, pude refletir sobre a alteridade, dimensionando-a de forma a ultrapassar o concreto de uma ponte em ruínas, mas na sutileza, e por supuesto na força, das águas - destrutivas e criadoras.

Portanto, apresento-lhes um pluriverso antropológico, um "manifesto por nossa diferença", tendo em vista que somos uma legião inquietantemente poética, mas acima de tudo, uma legião que toma em sério essa vida e, por conseguinte, afeta-se com/por ela, fazendo dessa forma, uma antropologia como se fosse uma "língua selvagem", aquela que não se doma, conforme nos ensina Glória Anzaldúa.



Caminando por las Calles

Ao pensar sobre esse andarilhar pelas calles e tendo dentro dela a perspectiva de revisitar a cidade não somente pelo olhar, mas pela sensação dos pés e do corpo ao trilhar cada pedacito de rua, de bairro a bairro, atravessando veredas, construindo caminhos, me fez revisitar antigos álbuns de fotografia a fim de ver novamente, passando pelos sentidos, aquilo que havia vivenciado há tempos atrás.

Nesses álbuns, não só as lembranças de quem eu era, mas especialmente, de como enxergava Jaguarão bajo a mirada em metamorfose (buscando na alegoria de Kafka algum amparo para ser metade Samsa e metade Jaguar) e também como ela, a cidade, a fronteira, se mostrava para mim, para nosostras, as transeuntes, que fazem desse lugar algo reverso, subversivo e plural.

Parece, à primeira vista, algum sem sentido, um percorrer no más os estreitos caminhos, entre aquele instante- já (Lispector), o momento fugidio de um presente que hoje converte-se em narrativa e recuerdos, porém que pulsa feito ferida viva a incomodar os olhares desatentos ou talvez que, acometidos de uma cegueira branca (Saramago), não conseguem dimensionar os cambios e sofrimentos que as paredes, ruas, vielas, águas e demais seres conseguem sentir e dimensionar.

Caminhar, vagar, transitar, cada passo numa estreita relação com aquilo que se vê e é, o olhar revidando os sentimentos ínfimos e íntimos e as entranhas se abrindo no más deixando reverberar um caldeirão de espectros e fantasmas que começam a sobrevoar por arriba, próximo do sol, que agora já está sem pelos.

Assim, no corpo com traços (finos e marcantes), vai se avistando e implodindo as metáforas e os causos, antes nem tão verdadeiros, vão atiçando as braças, evidenciando a umidade, o mofo, as rachaduras e por fim, as ruínas (ruídos de um tempo semi-moderno). Caminhar por Jaguarão e Rio Branco, é estar entre os passadiços escondidos, armando todo um desafio para aqueles que por lá chegam e lançam seu olhar na tentativa de ir além do centro histórico e seu conjunto arquitetônico, hoje patrimônio nacional, no entanto para quem é da cidade, mas não vive seu cotidiano a imposição é de revisitar lugares que vão se perdendo na fumaça das lembranças (capaz que imaginar e até mesmo reinventar traçados na pele das ruas), espaços afetivos que trazem à tona sentimentos potentes, sensíveis.

UM PORTAL ARREDIO



Perseguindo esses passados, tornados presentes, antes do tempo, Jaguarão era vista feito um "portal arredio" no qual para atravessar e dizer que éramos todos a mesma gente, quando no concreto o que se espia são as ruínas vivas, potentes, que vão transitando sobre cada calle, parede, corpo.

Nesse modus transeunte, foi se descortinando que na verdade somos uma gente pluriversal, que nessas cidades, nessa fronteira, não somos uma gente só ou uma terra só, como desejava Aldyr Schlee, mas muitos universos que se atravessam, ou melhor, que enactuam (Blaser, 2019).

Foi neste momento, entre os silêncios das caminhadas, ao mesmo tempo que acompanhada pelo algariamento das ruas, das gentes e viventes, do burburinho das águas, que me dei de cara com algo que não era somente do campo do sublime ou do real, mas uma mistura disso tudo: entre corpos ao sol, areias submarinas, sereias-jaguares e todo resto num silêncio febril.

Aqui trago para vocês, leitoras e leitores, alguns chusmeirios de pensamento, que não chega a ser palavra, mas sendo, que não é mais metáfora: afinal de contas a suçuarana anda rondando as barrancas do rio, que é arremedo de verso e verbo, na tentativa de contar e montar uma narrativa visual dos andamentos sobre a cidade e essas margens inundadas.

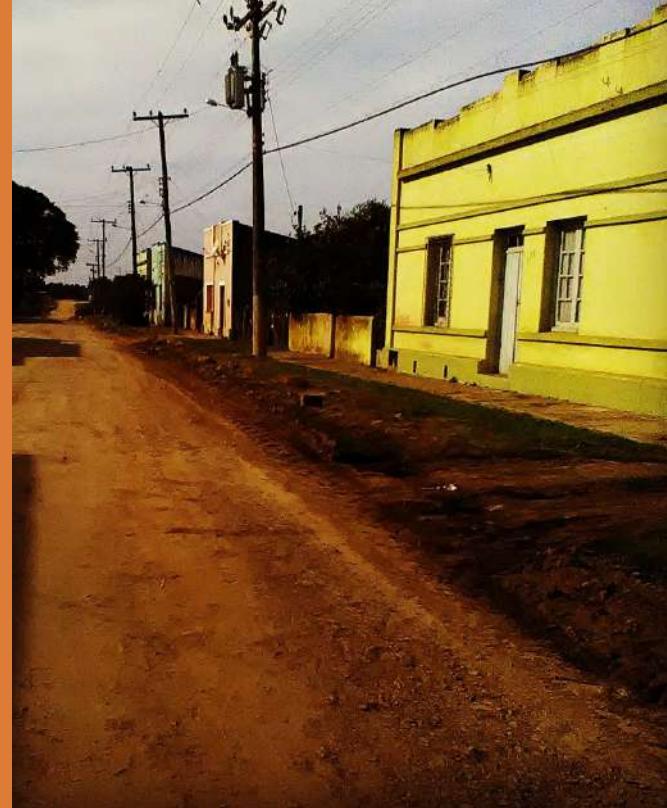
Dessa maneira devo dizer-lhes, Jaguarão é uma cidade que está situada na fronteira do Brasil com o Uruguai, ocupada desde o século XVIII e reocupada quando de sua transformação em Província Cisplatina. Imagino agora a confusão naqueles pagos de meu deus quando de repente, assim no más, o rio deixou de ser o ente demarcador entre as coroas portuguesa e espanhola e passou a ser, de fato, uma água só. Para a maioria que, hoje, vive dessa alegoria, o rio bem poderia ser alguém que une os países, mas pensar sobre dessa maneira vira clichê diante da matéria plástica do mistério, portanto prefiro pensar de maneira diversa.

Caminhar sempre foi uma coisa minha, andar pelas vielas da cidade em busca de novos acontecimentos passados e presentes e dessa maneira uma das primeiras caminhadas que realizei para começar a pesquisa sobre o rio e as águas, se deu em outubro de 2017, após a leitura do texto *O Dédalo e o Labirinto* de Tim Ingold (2015).

Numa tentativa de atravessar uma cidade diferente, fiz um percurso do Cerro do Matadouro, residência de minha avó, até a beira do Rio Jaguarão (em torno de 6 quilômetros), não fazendo múltiplas escolhas (ou pelo menos tentando), mas seguindo a direção na qual o caminho se dava de maneira livre, aproximando com mais lógica dos sentidos, ligando os pontos mencionados.

Dessa forma artesanal, comecei a me mover tendo as lentes da antropologia conjugadas com a literatura e a poesia, postas em meus olhos, bem arregalados e despertos para essa recidade que se abria.

Saindo a esmo, sem um destino propriamente programado, porém intuitivamente terminava o percurso na beira do Rio Jaguarão, lugar onde escrevia as sensações e o trajeto até me dar de cara com ele.



Percorso Amoroso

Esses trajetos também fazem parte das narrativas e memórias dos cidadãos, e vão se misturando com minhas próprias lembranças ao deslocar-me fisicamente por vielas e ruas da cidade, quase desconhecida, mesmo sendo natural do lugar, fazendo reconfigurar os espaços oficiais traçados pelo plano diretor da cidade, nesse esforço para descontinar outro lugar que não mais o senso comum dos sentidos, numa narratividade do caminhar, para ir existindo no presente.

"Não há assim confusão entre a história da cidade e a memória restaurada na narrativa dos habitantes que tomam a cidade como objeto temporal. Narram sobre o cotidiano, sobre as formas de sociabilidade, trajetórias e estilos de interagir e de pertencer, de distinguir e de conviver na cidade que os abriga" (Eckert & Rocha, 2010, p. 125).



SEGUINDO UM PERCURSO AMOROSO



"o amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo"
Fernando Pessoa – O Pastor Amoroso

Divagando assim pela narratividade da cidade, num transitar entre névoas e a humidade, percebendo de maneira atencional, no burburinho dos passos, não somente os meus, mas daqueles que foram partícipes desse caminhar, que pensam e falam sobre como são as águas e Jaguarão.

Assim, indo lentamente, deixando o vagar tomar conta, percebi que essa caminhada também estava inundada pelos afetos que sentia e sinto pelo lugar, especialmente naquilo de mais contraditório que ela apresenta: ora cosmopolita, outras periférica e as desigualdades evidentes quando estamos fora do espaço central.

Mas no dizer assim da antropóloga em formação, que se sente provocada pelo que há de delírio - tanto poéticos, quanto antropológicos - necessita de outras vozes a lhe acompanhar.

Dessa maneira fiz alguns questionamentos e lancei nas redes sociais, a partir de um formulário eletrônico e sentir as narrativas. Uma das primeiras questões foi perguntar sobre a relação com as águas da cidade: *O rio sempre foi um convite para interiorização*, disse Leonardo Zaromski.

Essa resposta é interessante, pois parte de alguém que possui a dupla cidadania (brasileira e uruguaya), vivendo cotidianamente o trânsito entre os dois países. indo adiante com a narrativa de Leonardo:

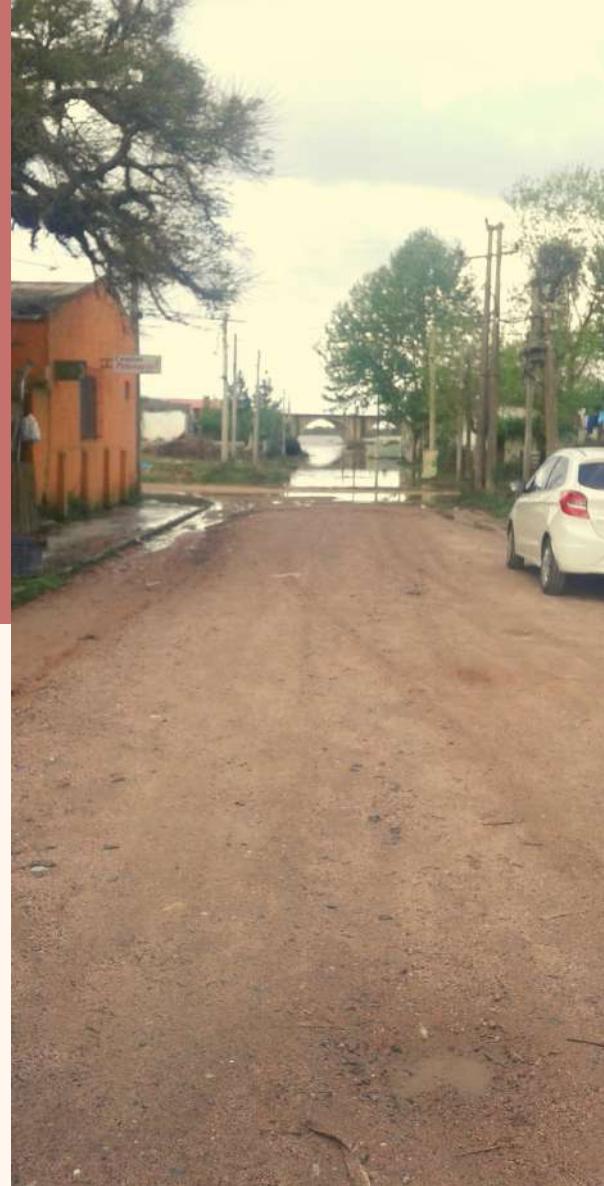
"O Rio Jaguarão é como uma porta que me leva a muitas memórias. E a fronteira limita e nos lembra que sempre houve e haverá uma que não é só física."

Seguindo um percurso amoroso

Voltando à primeira caminhada, aquela de 2017 que deu início a todo percurso de pesquisa e de re-conhecer a cidade, lanço o olhar para o diário de campo, feito um recuerdo do tempo em camadas, andando e sendo instigada pelos reflexos aquáticos.

Então, cheguei diante daquelas águas, e ao notar a cidade vizinha de Rio Branco - UY refletida no espelho calmo do rio me veio à cabeça a palavra nosotros: que segundo Aldyr Schlee teria como significado um "nós no outro", a alteridade refletida naquilo que constitui o espaço crítico e plástico da cidade, ou seu ponto crucial, seu drama, vendo nós mesmos no lado de lá do rio e vendo os outros no lado de cá, aqui lembro o texto de John Dawsey sobre os bonecos da Rua do Porto: "a sensação de quem está se vendo sendo visto por outro. E de outro lugar." (DAWSEY, p 189, 2012).

Fico pensando nas frases de Leonardo, sobre a divisão e ao mesmo tempo o rio ser um canal de memórias, de ativar afetos e recuerdos, mas tendo evidente que se tratam de águas que possuem a limitação de dos Estados-nação ao passo que nos constitui enquanto entes fronteiriços.



Por isso quando o rio torna-se barro na época das secas, notamos o perigo de sua ausência, que em sonho apareceu para mim não existindo mais, revelando assim a inutilidade da ponte e sua monumentalidade, assim a mimesis se apaga, pois é o rio que evidencia as diferenças: "através da mimesis, ou do dom de produzir semelhanças e de tornar-se semelhança, evidenciam-se uma forma de conhecimento e um modo de relacionar-se com o mundo." (DAWSEY, p. 196, 2012).

Enquanto explorava o território, conversei com dois pescadores que se encontravam parados diante de uma peixaria, observando o horizonte e a calmaria daqueles dias; eram dois homens, perguntei da associação, de como se dava a pesca, se pescavam nas redondezas ou se iam longe, percebi certa resistência, não estendi a conversa e segui flutuando com versos na cabeça.

UM CAMINHO ANFÍBIO

Caminhando com vagar, sentindo a fluidez do corpo em contato com os lugares, com o ritmo dos passos e das coisas, procurando fazer o caminho ou quem sabe sonhar com as asas de Ícaro, um voyeur (CERTEAU, p. 170, 1998), seguindo o rio até dar de golpe com a Ponte Internacional Mauá, com os “encantados” que por ali se escondem, com as histórias que nos contam, desde a construção, ao marco aquático que divide nossa fronteira (DEMUTTI, 2015).

Essa prática do andarilhar, ou como referiu Peixoto & Silveira (2019), dessas “caminhadas anfíbias” (p.03) permeia todo processo de perceber uma cidade a partir das águas, ou melhor, parece-me um desvelar da cidade a partir do movimento das águas e dos seus percursos e trajetórias, Dona Rosa disse-me: “tudo começou aqui, e eu brigo muito pela valorização”, nesse sentido, a partir da frase de Dona Rosa, o rio oferece uma dádiva (a água não somente como recurso, mas também no simbolismo, nas relações de amizade e afeto e de sustentabilidade, como pensa Marcel Mauss: dar, receber e retribuir) para as cidades (quiçá possamos nos remeter a própria metáfora do Egito sendo uma dádiva do Nilo e nesse caso, Jaguarão é Rio Branco são regalos do rio), não podemos esquecer que se trata de uma fronteira, pontuada justamente por suas relações com as águas, são elas o primeiro ponto de contato entre aqueles que ocupam os dois lados de cada banda.

Dessa maneira, enxergamos os movimentos e as concepções que das trabalhadoras e trabalhadores das águas possuem sobre seu saber-fazer e por conseguinte construindo a cidade, sem deixar de situar a fronteira do Brasil com o Uruguai, estendendo a reflexão a fim de pensar sobre uma pampa aquática e as perspectivas plurais, desveladas a partir dos pescadores da Colônia Z25 situada às margens do Rio Jaguarão.

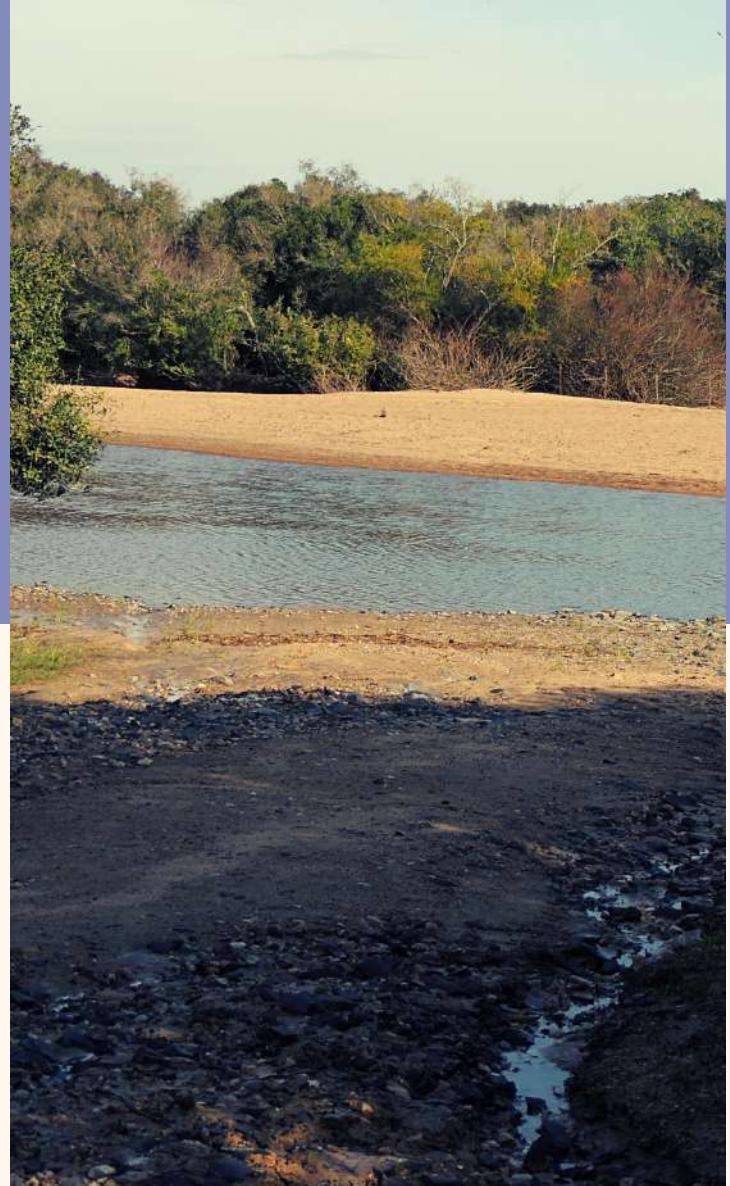


Um caminho Anfíbio

O primeiro contato que tive com Dona Rosa foi por acaso. Havia ido à casa da pescadora Juliana, a qual conheço desde a infância, porém nesse dia conversamos poucos minutos, mas foram suficientes para pensar um bocado de horas. Naquele encontro, ao perguntar o que significava o rio para ela, Rosa responde: "o rio é um trânsito, é só um trânsito" (Diário de Campo, outubro de 2019).

Confesso que, num primeiro momento, fiquei desapontada, me senti uma neófita sendo desafiada (o que é maravilhoso e me colocava na ex-educação apontada por Ingold) ao pensar no que seria isso de ser "somente trânsito", no entanto ao comentar para as professoras Adriana e Flávia sobre isso, venho novamente o que Marisol de la Cadena refere: **ser é mais que** trânsito: "essa relação – em que as pessoas e o território estão juntos – excede as possibilidades dos humanos modernos e da natureza moderna, bem como as relações modernas entre eles, sem excluí-las. (p.98).

Nesse sentido, o rio sendo um trânsito deixa evidentes os movimentos, intencionais, por conta da atividade pesqueira, ou seja, uma prática da qual todas e todas dependem para a sobrevivência, mas também se trata de movimentos atencionais, que se deixam fluir pela forma como se pratica e se habita a cidade pelas águas, como disse De la Cadena, excede a concepção moderna de existir, pois se rege por um tempo ordenado em comunhão com a natureza.



Quando nos reencontramos em sua residência, na qual permaneci todo tempo numa espécie de corredor, retomei a questão do rio enquanto trânsito para tentar compreender, então surge a seguinte frase: "o rio é o nosso caminho, é tudo, é ele quem nos leva para a lagoa." (Rosa, Diário de Campo, novembro de 2019).

Caminhar segundo Ingold é aquilo que: "continuamente nos remove longe de qualquer posição que possamos adotar. Caminhar, explica Masschelein, é colocar em questão essa posição; trata-se de ex-posição, de estar fora de posição." (p.28).

Seguindo o ritmo desse trânsito e do próprio tempo, Rosa pontua aquilo que a cidade também é, ou seja, um lugar de passo, como a música de Jorge Drexler afirm: "no tenemos pertenencia, sino equipaje".

Um Caminho Anfíbio

Dessa maneira ela narra um "fazer cidade" como pontua Agier (2015), esse lugar que se reflete e se pensa nas águas e nos seus espelhos, nas suas temporalidades, em seus encontros e desencontros:

Quando a cidade conta de si mesma é como a cristalização do mirar-se nas águas, a palavra nasce da contemplação da cidade no rio. As palavras evocam a imagem-reflexo da cidade, que como nas águas é incerta, sempre por fazer-se na profundidade do ato narrativo onde o tempo é distendido, é o tempo de uma identidade relacional. (Peixoto & Silveira, 2019, p.08).

Portanto, são esses fluxos, entre as palavras e as águas, que montam essa cidade da e na fronteira, mostrando uma pluralidade e multiplicidade de vozes e maneiras de viver na pampa sul-riograndense, de enxergar novos ritmos para uma cidade que está de costas para o rio, conforme se pode notar pela posição do centro administrativo do município, explicitado por Rosa ao comentar sobre a sensação de invisibilidade da comunidade pesqueira.

Segundo Eckert e Rocha (2010) "é nos relatos de vida destes cidadãos apreendidos em suas narrativas que procedemos a interpretação das formas de viver sociabilidades e interações nos ritmos da vida cotidiana" (p.126).

Percebe-se na narrativa de Rosa que a cidade guarda sua contradição ao tentar invisibilizá-los, enquanto trabalhadores e também o rio, por ter se tornado agente passivo da poluição, para exaltar a profissão Rosa afirma: "levo minhas pescadoras em tudo", além de tentar auxiliar alguns areeiros a fim de que possam se organizar enquanto categoria.

Percebe-se nesses diálogos que há uma perspectiva relacional com a água, desde os conflitos em torno preservação, a contemplação, bem como as narrativas de dona Rosa a respeito do experienciar diariamente essa cidade aquática, evidenciando as contradições de um lugar que nasce às margens de um rio.

Uma Boutique Fantástica

UMA CIDADE PELA LITERATURA

Nas profundezas do rio mora um monstro, na parte de cima representa um jaguar na outra metade uma sereia, um animal híbrido, vivendo entre esses mundos: o lado de lá, o Uruguay e o lado de cá o Brasil; entre a terra e a água, entre a animalidade e a humanidade, entre as estações que regem o ano, adormecido, pero vivendo, pujante em seu sono profundo e no fundo sendo esse imenso jaguarão a nos proteger ou vigiar.

Essas "grandes onças brabas" como disse certa vez Aldyr Garcia Schlee, estão espalhadas por toda a fronteira, sejam elas mitos, narrativas imemoriais, lendas, fantasmas ou em monumentos de "pedra e cal" com seus braços estendidos e seus olhos bem arregalados para todo espaço que compõem essas cidades.

Dizer isso, mais do que uma anedota para assustar los niños e assim chamá-los ao cuidado quando se banhar nas águas turvas daquele rio, são seres habitantes dessas barrancas, vivos não somente nas lendas e mitos, mas que corre à boca de todos.

Descobri, nessas caminhadas, tanto de vida, quanto de pesquisa, que uma "onça braba" encarnada numa suçuarana andou aparecendo novamente por essas paragens e, portanto, aquilo considerado mito foi ganhando um corpo.

Porém, a construção desse lugar, no qual cidade e fronteira encontram-se misturados, passa muitas vezes por narrativas mágicas e fantásticas: assombrações, seres encantados, tropas perdidas ou afogados de amor e levados para o fundo do rio.

Desta maneira, percorrendo um espaço cheio de "linhas divisórias", foi-se alcançando o encanto desses "arrabaldes", "desses pueblos", e assim percorrer Jaguarão e Rio Branco a partir do olhar de Aldyr Garcia Schlee.

"Eu vos digo, em verdade, que nada sei de maravilhas embora trema ao falar de jaguarões. Talvez eu também seja daqueles que não tenham se dado conta de mistérios, que não guardem lembrança de milagres, que não se animem a comprovar magias. Mas, cada vez que venho aqui, sei que perco um pouco o coração; e que, no entanto, saio redivivo." Aldyr Garcia Schlee - Contos de Verdades.



Essa loja fica numa calle estreita no centro comercial de Rio Branco, na primavera, entre andanças e desatinos, me deparei com esse jasmim de viúvo florido na porta da boutique, fiz algumas fotos e um autorretrato, ao chegar em casa denominei o álbum de Boutique Fantástica. Nunca a vi aberta e nem entrei, então parecia o portal "só para loucos" no estilo Herman Hesse.



ENTRANDO NA "BOUTIQUE"

Visto que a boutique real permanecia cerrada para meus olhos e ouvidos curiosos - aguçados pela poesia e a antropologia - comecei a imaginar a entrada naquela casa, os móveis, os fantasmas, algum vivente, as próprias "bijouterias" ali expostas e produzidas.

No entanto, fui criando metáforas de encontro, encanto e desencanto, volando entre a atmosfera da história trágica e plástica do nosso lugar, enquanto fronteiriços e periféricos, e também entrando naquele realismo mágico do Schlee.

Isso começou quando descobri sua literatura, bem tardiamente. Muito embora sejamos conterrâneos, nunca tinha escutado o nome de Aldyr durante minha juventude morando em Jaguarão.

Neste momento, especialmente na adolescência, retomei o hábito da leitura, era a maneira de enganar a pobreza de parcós recursos e mergulhar em mundos distantes, mazelas de toda ordem, imaginar e mergulhar em lugares distintos ou até mesmo similares.

Lia diante do espelho do meu quarto, de madrugada, depois que todos os irmão iam dormir e meus afazeres já haviam se encerrado, vez que outra recebia a companhia de sapos que entravam pela fresta da porta que mal fechava e que durante as chuvas traziam essas visitas, meus companheiros de andanças!

Com eles fui descobrindo Garcia Márquez, Lorca, Machado de Assis e toda espécie de livros que me caía em mãos, era uma aventura!

Contudo, só fui descobrir Schlee quando cursava a faculdade de história, na cidade de Pelotas, o ano era 2007, inolvidável!

Schlee foi dar uma palestra para os estudantes do curso, comentei com uma amiga sobre a visita dele à nossa turma e imediatamente me presenteou com um livro chamado "O Dia em que o papa foi a Melo". Para não fazer feio durante a visita, comecei a ler os contos e tamanha foi minha surpresa ao encontrar aquela literatura, tão mágica, quanto real, um lugar inventado, mas que existia de fato, ali, nas bordas de duas cidades, que parecem iguais, mas são distintas.

Até chegar a esta conclusão, precisei mergulhar nessa cidade e nessa fronteira encantada por Aldyr, aquela magia que só ele soube cantar, feito um jaguar, que ora morde, ora vive cheio de coração.

Do primeiro encontro, até o último, fiquei imóvel ouvindo aquele homem pampeano, com aquela cabeleira prateada, quase branca, falar de um lugar que eu bem conhecia, mas de maneira diversa daquela que ele nos apresentava.

Consigo, ele trazia os originais de Don Frutos, era ainda um rascunho do que viria a ser o seu romance sobre a passagem de Frutuoso Rivera por Jaguarão, mas era monumental ver ele agarrado naquele grande calhamaço de folhas.

"Uma grande mentira recheada de verdades"

Depois de sua fala estávamos todos extasiados, eu pelo menos parecia que estava num sonho! Nem sabia por onde começar a raciocinar sobre aquilo, só pensava que deveria ler Schlee o quanto antes.

Foi então que alguém disse que havia uma jaguarense em sala e que tinha um livro para autografar, me aproximei dele e estendi o livro, uma edição de bolso, bem pequenina, dos contos do papa.

Ao ver aquela edição ele ficou surpreso, conversamos rapidamente logo depois da dedicatória. Ao chegar em casa abri o livro e li o que havia escrito e dizia: "para Juliana, minha conterrânea".

Foi o quanto bastou para despertar em mim a necessidade de conhecê-lo pela sua escrita, um escritor jaguarense!

Dessa maneira, comecei a comprar seus livros: *Contos de Verdades* e *Contos de Sempre* foram os primeiros.

Nas leituras iniciais me questionava como não havia enxergado Jaguarão daquele jeito descrito por ele, até então minha relação com a cidade estava num campo contraditório, que só com a maturidade dos trinta anos consegui compreender.

Entre as vielas de uma história conhecida por nós, gente comum, porém excluídos de uma oficialidade, Schlee trazia não somente o encantamento desses "arrabaldes e pueblos", mas principalmente: o desencantamento!

Quando escrevo isso me vem a recordação do ciclo de cinema "As fitas de Aldyr Schlee e o filme Desencanto, um dos meus preferidos dentre tantos que assistimos ao longo daquele ano, 2016. Bueno, lendo aqueles livros fui pegando um sentimento pela cidade, que até então se retorcia entre a realidade que vivíamos nas vilas e o centro histórico: eram mundos distintos, era e ainda é, uma fronteira dentro da fronteira.

Obviamente que diversos grupos sociais vivem essa distinção, lembro aqui claramente da Colônia Z25 das pescadoras e pescadores e as condições baixo a qual vivem.

Dizendo assim e vendo a cidade ao revés, ou seja, desde Rio Branco, parece pouco provável e verossímil que aquela vila de pescadores seja uma parte que está às margens da cidade, justamente por sua localização no centro urbano de Jaguarão.

A realidade, quando se desce da ponte, é diversa, pois encontramos um déficit no quesito saneamento básico, que não necessita de grandes esforços para ver a precariedade do sistema de esgotamento, apontado pela pescadora Michele, indicando-me o local das fossas que despejam os dejetos sem tratamento nas águas do rio. Em Rio Branco também ocorre algo similar, com as "piletas decantadoras", mas na realidade também deposita esgoto nas águas.

"Uma grande mentira recheada de verdades"

Nesse percurso literário, passei a mudar meu olhar sobre Jaguarão e a partir disso voltei a caminhar pela cidade com a intenção de visitar aqueles lugares descritos por Schlee e também presentes nas lembranças de minha avó que me ajudava a remontar a cidade no contexto atual e assim fui reconhecendo as ruas descritas por Aldyr, numa sobreposição de tempos.

Foi dessa maneira que cheguei ao curso de Antropologia, tomada por esse olhar fronteiriço e pampeiro de uma cidade construída a partir de uma guerra por posse de territórios, em cima de um cerrito, tendo um rio que cortava ao meio as duas localidades.

Lembro aqui da frase que a profª Ana Luiza (2021) disse em minha defesa de dissertação sobre "as matérias sacrificadas" com relação à paisagem e a imagem de uma Jaguarão antiga, sem povoamento, aquelas barrancas vizinhas às águas do rio e ele mesmo pujante, sem a ponte.

Saramago (ano) também descreve cena parecida no começo do seu livro "Levantado do Chão", pensando que essa paisagem sempre esteve aí, muito antes do homem.

Retomando a cidade, foi nesse momento que a poesia despontou com força e passei a ter como tema justamente essa cidade que havia redescoberto, criando um universo particular a partir das vivências dos outros misturadas com as minhas.

Então, ao voltar para a universidade, a fim de fazer uma segunda graduação em antropologia e seguir meus estudos nessa área, fui convidada pela prof.ª Flávia Rieth a integrar o INRC- Lidas Campeiras.

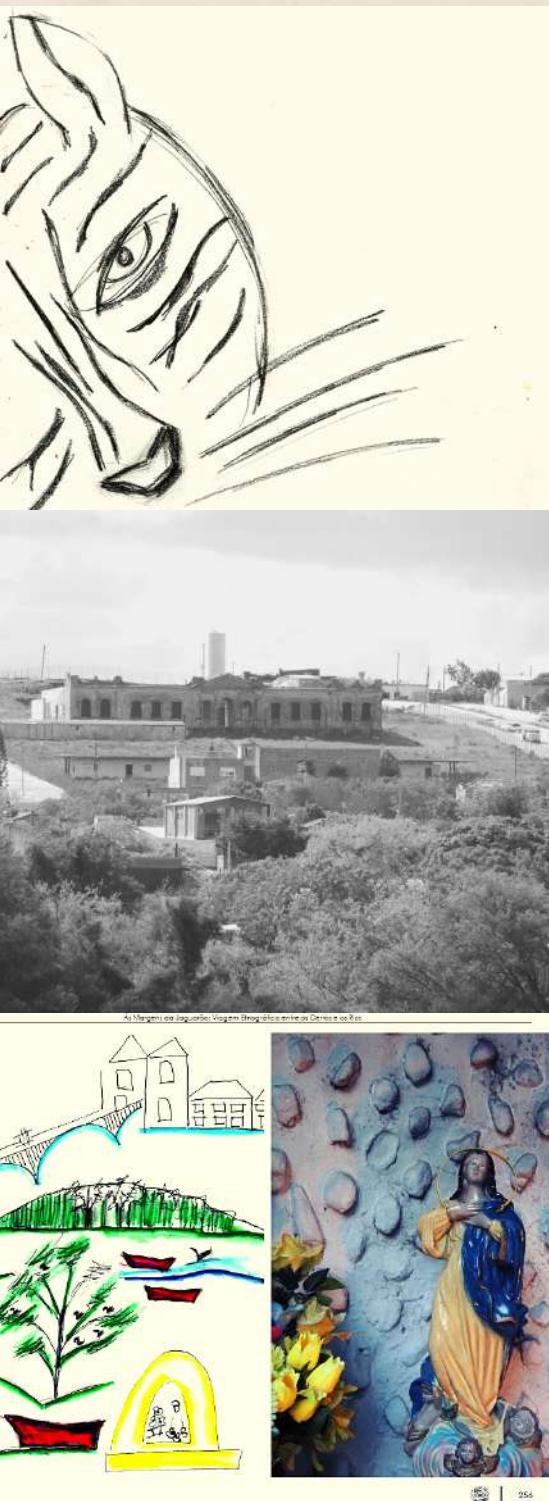
Mal sabia que a partir desse momento muita coisa mudaria na minha vida, tanto na trajetória profissional, dando a guinada que há muito tempo buscava, como a pessoal, quando decido me exonerar e seguir meus sonhos, num impulso lúdico e talvez febril de um ícaro com asas de cera.

Segundo o destino, ou quiçá a intuição, fui parar num grupo cheio de gente criativa e disposta a fazer antropologia de maneira mais sensível, não que isto não seja um dos diferenciais de nossa área: a sua artesania, como gosta de pensar Mariza Peirano (1995).

Porém, com o intuito de radicalizar e ampliar seu espectro metodológico, começamos a pensar em desenhos, poesias, fotografias e caminhadas e dessa maneira foi surgindo diversas ideias e experimentos em torno de caminhar para sentir e logo construir, ou montar, uma narrativa a partir desses elementos.

Foi assim, passado um ano de curso, que propus de fazermos uma viagem etnográfica para Jaguarão, com a intenção de andar pela cidade e depois disso, de forma coletiva, construir nosso primeiro diário gráfico, trazendo as visagens e sensações de todos as/os colegas que participaram daquele dia imemorável!

"Uma grande mentira recheada de verdades"



CAMINHO PARA JAGUARÃO

Assim, num dia nublado, cinzento, no qual a librina fina nos acompanhou boa parte do caminho, chegamos a Jaguarão. E qual o sentido de contar isso, se estava falando da cidade a partir de Aldyr Schlee e suas mentiras transformadas em verdade?

Pois justamente aí começa uma desconstrução e reconstrução do pensar a cidade, a viagem etnográfica e a caminhada que realizamos em alguns pontos de Jaguarão foram cruciais para compreender e ajustar esse olhar e essa narrativa: nem dentro da oficialidade, pois justamente dela é que se "fugia", nem dentro do realismo mágico de Schlee.

A medida do equilíbrio, ou talvez o revés da cidade, se fazia necessário, mas ainda assim preparei um roteiro tendo em mente essas histórias tão mágicas, quanto reais que ouvia de Aldyr e também lia de seus livros, sonhando que aquilo fosse verdade e até brincando com a mentira e assim ludibriando meu coração de poeta passarinha.

Não era evidente, nem nunca será, que ao tomar a cidade pela literatura se tratava de um estratagema bem elaborado a partir da cabeça e genialidade de Schlee, criando para si aquele "país inventado", numa fronteira sabidamente feroz e violenta, mas também cheia de potencialidades fortemente apontadas em seus livros e na construção dessa "terra só".

Então, ao avistar turvamente as águas do rio, ali diante dos nossos olhos e sentidos, era aquele rio das onças brabas e unificador, que ora era motivo de disputas, mas que, ao fim e ao cabo, era o sinônimo de sermos uma gente semelhante, divisados pelos estados-nação, pela ponte e pelos nossos idiomas oficiais.

CONHECENDO AS BORDAS DE JAGUARÃO

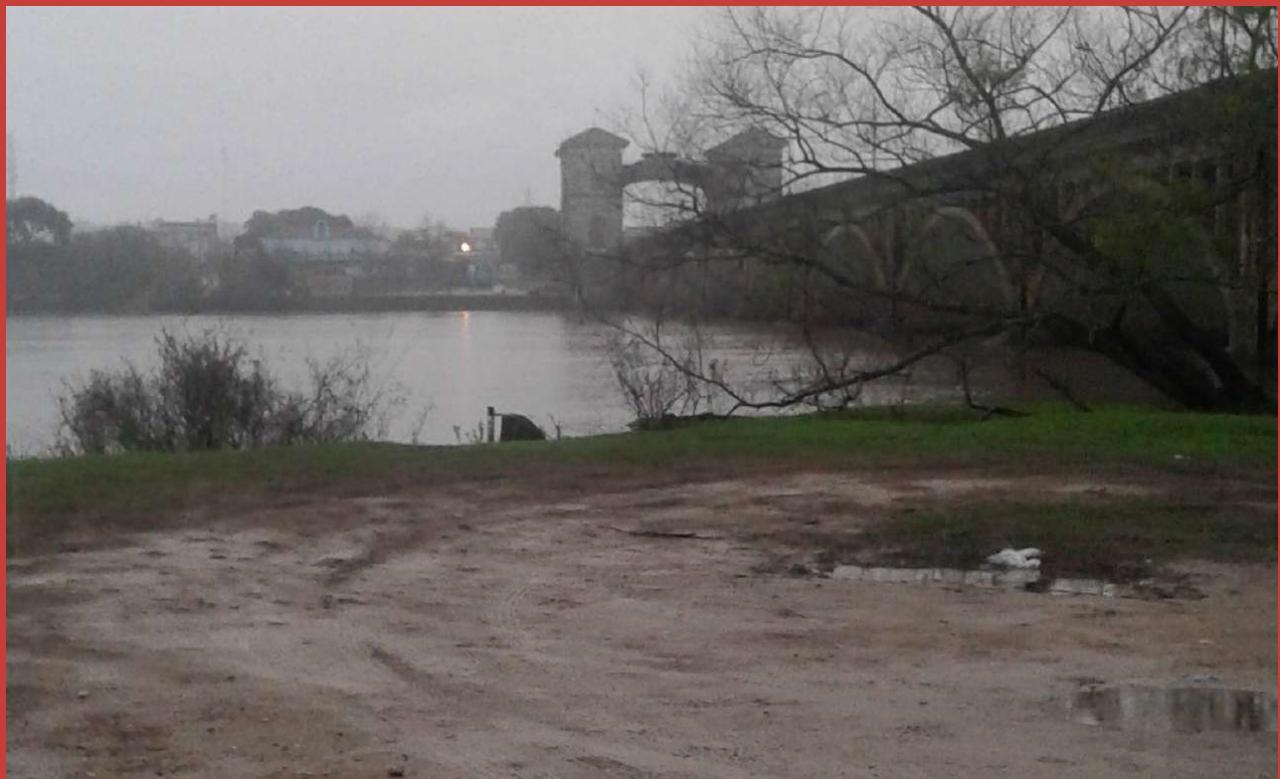
23 de junho de 2018, saímos da cidade de Pelotas, às 07h30min da manhã, num clima nublado e gris, porém com entusiasmo para passarmos o dia conhecendo e visitando os mais diversos rincões da cidade. Ao acordar às 05h30min da madrugada um misto de responsabilidade e alegria tomou conta de mim. Mostrar Jaguarão aos meus colegas e professoras a partir do roteiro planejado, mostrando as "beiras", seus olhos, braços, seu corpo, em descompasso com aquela cidade que conhecemos de revistas e jornais ou através da história oficial, era o desafio do dia.

No percurso da estrada, enquanto a chuva caía sobre os vidros da van e automaticamente o para-brisa varria as gotas grossas de água, poemas bailavam no emaranhando de coisas e sensações, de pensar num dia em que tudo corresse a contento, imaginando cada rua na cabeça, enquanto ouvia os colegas contando sobre suas leituras, entre os desenhos da Flávia e as risadas de Luís e Airton.

Com aquele clima entre a chuva e a librina avisei a todas e todos que finalmente estávamos entrando na cidade, no horário previsto por Maurício, nosso motorista, às 09h30min da manhã. Dirigimo-nos diretamente para a antiga Enfermaria Militar situada no Cerro da Pólvora.

Ainda dentro da van, contei um pouco do que sabia sobre a história daquele local, obviamente me perdi entre uma data e outra, nos diversos fatos e casos que se contam, dos fantasmas, dos gritos e sussurros, da depredação, da exclusão social, do entorno e das pessoas que de fato compuseram aquele espaço, sendo protagonistas de narrativas.

Ao descer da van o frio tocado pelo vento encontrou a todos, aquele frio de água, vindo direto da beira do rio, aquele frio entrando carne a dentro e que se sente em cidades banhadas por água. Começamos nosso percurso apesar da persistência de alguns pingos de chuva. No alto, chegando à parte de trás do prédio, encontramos a prof. Giane Escobar, docente do curso de História da Unipampa.



CONHECENDO AS BORDAS

Impressionante e espantoso ver a Enfermaria trancada, como se fosse uma dama num castelo mal assombrado, uma dama que sente frio no alto daquele cerro, fechada entre os gritos e sussurros (me vem à imagem do filme de Ingmar Bergman) de um tempo que não está mais posto, mas latem feito cães que a guardam noite e dia.

Entretanto, mesmo vivendo sua clausura, sem a companhia dos grandes varais de roupa, das senhoras tomando mate doce enquanto havia sol e das crianças brincando no antigo Parque Fernando Corrêa Ribas, a Enfermaria segue com seus olhos e seus braços em direção não somente à cidade, mas fazendo aguarda a fronteira.

Ao atravessar novamente aquele portal de entrada, me venho na cabeça onde andará a moça de branco, os fantasmas e gentes ainda viventes no local? Tentei refazer o caminho, rever as paredes, o chão sem o piso, com a terra batida, as árvores que nasceram dentro dos salões onde antes ficavam os doentes, as portas abertas sem os tapumes pretos, lembraram-me de uma fotografia de minha irmã sentada numa das janelas.

Não consegui andar pelo corredor que fica à direita de quem entra, era um dos locais onde ficávamos quando íamos passear por lá.

Percorri pela esquerda, em silêncio e estupefação, como se a cada passo o coração ficasse realmente distante da Enfermaria (há uns dez anos fiz um poema com esses versos: ladrilho por ladrilho, despensa, cai, arruína, a cada passo mais distante, o coração, Enfermaria).

Percebi em uma das janelas um pequeno grafite, marcando a passagem clandestina de alguém, igualmente impressionante é a descaracterização da antiga ala dos loucos e logo em seguida um buraco negro cheio de água que parece ter acesso à antiga pedreira, um aguado vertente, pingando.

Queria sair imediatamente da Enfermaria depois desse percurso, a sensação de aprisionamento tomou conta de mim, num reflexo entre o que levava na memória e a subutilização do espaço, do encarceramento da estrutura e dos seus espíritos, os transeuntes de passado e presente.

Saímos em direção ao Cerro das Irmandades, a chuva já havia amenizado, caminhamos com mais facilidade, embora o frio fosse rigoroso. Nesse local o importante era a visão privilegiada para o rio e a fronteira, no entanto, entramos no cemitério a fim de ver a opulência dos mais abastados, mas perceber a presença de mulheres e homens negros naquele espaço, os pequenos "minaretes", as mulheres e seus penteados, os militares condecorados por seus feitos em batalhas e o famoso estilista Pompílio de Freitas.

Ao sairmos para a parte externa, podemos avistar a Ponte Internacional Mauá, com suas duas aduanas – brasileira e uruguaia – apesar do nevoeiro, o rio e sua curva que caminha rumo à Lagoa Mirim. Desse lugar pode ser vista toda a cidade e boa parte de Rio Branco, além dos bairros vizinhos: Pólvora, Fundação Barbosa e Vencato.

*"Ladrilho por ladrilho
despensa, cai arruína
a cada passo mais
distante o coração
enfermaria"*

CONHECENDO AS BORDAS

A névoa posta naquele entre lugar venho para mostrar muito mais do que para esconder, curiosamente uma faixa nebulosa se pôs não somente entre os bairros, impedindo melhor visibilidade da Vencato desde o Cerro das Irmandades, mas também para encobrir aquele pedacito de fronteira insinuante, naquela nubem de água e cinza, anchas, totalmente convidativas ao descortinamento dos olhos – aqui novamente penso em Saramago e na cegueira branca, e nas variadas opções de visualidades, assim como o Dédalo e as múltiplas escolhas de acesso ao caminhar.

Nesse instante, a chuva voltou com toda força e nos obrigou a fazer o trajeto no Bairro Vencato dentro da van; Fladiane explicou a origem do lugar, quais as ruas que pertencem a esse território, a Escola Pato Donald (antiga Vovó Nenéca) e a Praça, os locais perigo, falou das crianças, apontou para a Rua do Cordão e lembrei-me de Mestre Vado, da Mãe Catirina e dos Cordões de Mão dadas.

O bairro impressiona a todos e todas, era de fato uma Jaguarão real, fora do eixo, é a visão de uma cidade ao revés, viva, suja, limpa, contraditória, navegando dentro de uma maré caudalosa, aquela que passa uma rasteira, mas se transforma não mais na medusa petrificante, mas no balanço vago de um corpo caminhando, estranhando (extrañar em espanhol significa ter saudades, ou sentir a ausência) o lugar – igual às personagens da música A Resposta, de Vitor Ramil.

Indo adiante em nosso percurso chegamos à Gruta de Oxum, situada na beira do rio, próxima ao presídio, descendo pela Rua Uruguai dobramos à direita quando enxergamos o posto de gasolina e depois na primeira à esquerda, nesta esquina ainda é possível ver o antigo prédio da Rádio Cultura de Jaguarão, uma ruína contemporânea.

A chuva caía torrencialmente, Leandro de Xangô já nos esperava, ouvimos suas histórias debaixo de uma grande estrutura, uma espécie de galpão aberto, no qual se dão as festas de São Jorge, Oxum e Iemanjá. Ali nos contou da luta do povo de terreiro, da sua própria mãe, sua casa e seus filhos de santo, da intolerância religiosa e do caminho que há para se percorrer até alcançarmos uma sociedade mais justa e igualitária.

Tiramos uma foto junto à imagem, embora o tempo não colaborasse; enfrentamos a torrente de chuva, sentido os pingos grossos molhando um pouco nossas roupas e produzindo um barulho agradável nos poucos guarda-chuvas que havíamos levado.

Às 15h30min partimos para o Clube 24 de Agosto, aonde nos esperava com seu sorriso sempre estampado no rosto, o presidente Neir Madruga, há muito tempo não o encontrava, uma emoção tomou conta do meu corpo e espírito, pois este espaço faz parte da minha trajetória pessoal e profissional, aonde vivi momentos de conflitos, alegrias, descobertas, amizades, mas acima de tudo, afeto e respeito.



Clube Social 24 de Agosto

CONHECENDO AS BORDAS

Ainda contamos com a participação das artesãs em jacquard e suas peças em lã. Nossa colega Miriel, estudante do mestrado em Antropologia, está desenvolvendo uma pesquisa junto a essas mulheres e seus modos de fazer o trabalho artesanal, tão particular e igualmente raro. Formou-se uma grande roda de conversa no salão principal.

Nessa ocasião fiquei dispersa pelo espaço, relembrando outros tempos, foi inevitável pensar na figura de Nergipe, interlocutor da minha pesquisa, lembrar dele e de suas histórias, da maneira como nos aproximamos e nos tornamos amigos, do carnaval quando o encontrava, eu de Pierrô, ele e Dona Celeste, sentadinhos em frente à Prefeitura. Tornei-me vaga, assim como Alberto Caeiro ao andar pelos campos.

Aquela potência desaguou no Rio Jaguarão, no finalzinho da tarde, o frio não nos abandonou, mas o sol surgiu – “o sol há de brilhar mais uma vez, a luz há de chegar aos corações, do mal será queimada a semente, o amor será eterno novamente” – lembrei desse samba de Nelson Cavaquinho.

Descemos até a beira do Rio, as águas mansas depois da chuva, muitos barcos e pássaros nas árvores secas e com quase nenhuma folhagem (pássaros semelhantes aos de Hitchcock), garças com suas patinhas na água ou se abrigando em algum teto de barco.

Dobramos em direção à Avenida 27 de Janeiro, subimos ao encontro das figueiras centenárias do Mercado Público, onde ainda há as argolas onde se prendiam mulheres e homens negros trazidos de África para serem escravizados, foi impactante e ao mesmo tempo revelador para muitos que ouviram essa história e sentiram as marcas nas árvores (penso que as figueiras sentem muito), cantei um trecho do Canto Jaguarense: “quem da Matriz do Divino, desce a Avenida pro cais, ouve o canto dos pardais das figueiras do Mercado, roga a Deus ajoelhado pra daqui não ir jamais.”

Concluindo nosso dia, chegamos ao Ilê da Mãe Nice de Xangô, com uma recepção calorosa e afetuosa nos esperou diante do portão de sua casa, nos purificou com pipocas, pois havíamos entrado no Cemitério das Irmandades pela manhã, na segunda porta de acesso, um filho de santo nos esperava para mais um ritual de purificação, ali também retiramos nossos calçados.

Senti aquela força ancestral e a espiritualidade do lugar entrar no meu corpo, tudo tremia dentro de mim, pensava na minha orixá, nos movimentos que minhas entradas faziam, aquela coisa entre o vago (novamente Caeiro) e o estar real, fixa em minha existência.

Mãe Nice nos contou sobre sua trajetória, sua luta para manter sua casa aberta, o preconceito contra o povo de terreiro, especialmente sobre as recentes agressões e ataques sofridos às religiões de matriz africana, seja com a destruição das imagens ou com o uso de guias e turbantes. A partir do questionamento do colega Vagner sobre qual tema deveria ser tratado dentro da Universidade, Mãe Nice sugeriu a intolerância religiosa.

Logo nos foi servido o amalá, em folha de bananeira ou em prato, poderíamos comer com as mãos ou com talheres, preferi comer com as mãos e logo me venho à lembrança as técnicas do corpo de Marcel Mauss, pois, além disso, deve-se comer sentado.

Formamos uma linda roda de agradecimentos, troca de abraços, afetos que carregamos e construímos ao longo das caminhadas, das risas alegres e soltas, dos nossos conflitos e questionamentos, de compartilhar comida, frio, conhecimento, respeito e acima de tudo, ver, reparar e ouvir a pulsação de uma Jaguarão que não se escreve nos livros oficiais, por que está em nossas memórias e nos modos de se viver e estar na cidade.



Mãe Nice de Xangô





Desenho: Prof.ª Flávia Rieth

Esses fragmentos são parte das memórias da viagem etnográfica que realizamos, como dito anteriormente, e os trouxe para contar como foi pensar esses trajetos e de como ainda estavam ligados a uma cidade literária quando do planejamento do roteiro, porém ao percorrermos Jaguarão, comecei a notar, não somente pelas sensações de estranhamento que causava a mim mesma falando aos meus colegas o que víamos, mas pela reação deles ao ouvir e ver aquele lugar distante da Ponte Mauá, da zona comercial, do palco carnavalesco e dos freeshops e também pelo contato com as interlocutoras e interlocutores.

Era um lugar completamente diferente das narrativas comuns sobre a fronteira e isso causou uma espécie de desencanto (esse entendido na maneira de desconforto ou da ex-dução que Tim Ingold nos aponta) ao mesmo tempo que foi revelador: era a cidade habitada e praticada (Certeau, 1998) por aquelas e aqueles que a vivem desde suas margens (Agier, 2015).

Dessa maneira, foi-se perdendo em algum lugar, ao longo desse caminho, aquela librina de uma fronteira e um lugar pacífico e uno, onde todas e todos somos uma gente só, uma terra só, para compreender, por fim, que a cidade só é esse encanto e desencanto pelo choque cultural (Wagner, 2010), pela diferença e dessa forma vai-se "inventando" a cidade e esse jeito de viver numa pampa fronteiriça.

Essa viagem deixou marcas indeléveis em todas e todos, diversas produções, entre desenhos, fotos, diários, poemas surgiram depois disso, os quais compuseram o primeiro diário gráfico com a montagem do material dos participantes.

A feitura desse diário foi fundamental para reorientar o olhar sobre Jaguarão, para adensar sua existência enquanto cidade de fronteira tramando uma "história a contra pelo" como refere Walter Benjamin, ao percorrermos pelas bordas dessa "grande onça braba" e experienciar com aquelas e aqueles que estão praticando-a a sua maneira, desde os terreiros, as vilas, os clubes negros, os pescadores e sua artesania aquática.

Assim sendo, retomo o poeta Manoel de Barros em seu Tratado Geral das Grandezas do ínfimo: "vocação para explorar mistérios irracionais. Gostar de fazer casamentos incestuosos entre palavras. Amor por seres desimportantes tanto como pelas coisas desimportantes." (BARROS, 2013, p.9) pensando na "reunião de vidas" (INGOLD, 2012) encontradas no descortinamento de Jaguarão, em cada pedaço que compõem a cidade, na sobreposição dos tempos e os modos de fazer e habitar que é o que nos interessa enquanto seres sensíveis e antropólogos e antropólogas em formação.

A CIDADE Y SUS MÁRGENES

Depois de vivenciar os percursos percebi, que ao se produzir imagens, a partir das caminhadas ou mesmo dos deslocamentos, conseguimos sentir os tempos sobrepostos na cidade e suas margens, ou quem sabe o seu revés, confluindo entre os espaços ocupados no presente e aqueles vivenciados no passado, trazendo novamente os territórios negros e suas sociabilidades, o interessante dessa: "temporalidade múltipla e, porquanto, transversal à linearidade temporal historicista, a qual Benjamin pretendia aniquilar colocando-se ao encontro de uma confluência entre diversas dimensões temporais presentes em um tempo histórico saturado de 'agoras'." (DINIZ, 2008, p.4)

Aqui pensando sob a luz dos estudos de Walter Benjamin e suas Passagens nas quais critica a temporalidade contínua de um pretenso progresso histórico, essa crítica deságua no conceito de montagens, utilizado para a construção deste trabalho, sendo assim: "a confluência de temporalidades históricas substitui àquela cena em que antes figurava a ideia de progresso." (DINIZ, 2008, p.4). Revisitar esses tempos entrecruzados só nos foi possibilitado pelas imagens produzidas e seus recortes e também pela materialidade em contato com nossos corpos e sentidos.

Assim se começa a estranhar o que parece familiar para muitos de nós, vivenciando no encontro com aquilo que está por surgir pelo caminho (Tim Ingold, 2015), a inquietação do limiar entre mundos e temporalidades que se cruzam (ou que também estão enactuando), fazendo a montagem espaço-temporal num lampejo entre traços, ventos, rios, quinquilharias, histórias, desimportâncias, como refere Manoel de Barros, de todas as ordens, estabelecendo uma nova cena histórica, friccionando presente e passado, em imagens que se propõem dialéticas (de acordo com que pensava Walter Benjamin em suas Passagens), justamente por revidar o olhar para nós, enquanto transeuntes de temporalidades múltiplas, e compreender uma cidade em sua pluralidade de saberes e fazeres.

Essa montagem, foi conduzida a partir dos roteiros e dos fluxos revelados nas caminhadas, experienciando as descobertas ao longo do caminho: "essa nova maneira de performatizar o mundo como montagem-imagem torna-se uma prática metodológica e teórica nos meios acadêmicos e artísticos." (HUAPAY, 2016, p.111).



Uma Constelação de imagens

UMA CIDADE PLURIVERSA

Na constelação de imagens formada, portanto, a partir do pluriverso de expressões, entre a arte e a antropologia, formou-se uma maneira de expressar aquilo que muitas vezes passa despercebido no cotidiano dos centros urbanos, uma visão sensível ao sentir a partir do próprio corpo em consonância com o espaço, potencializando a presença, bem como a ausência. Além disso, nessa confluência de linguagens, conseguimos ir além da história oficial, trazendo outras formas de praticar e habitar a cidade, a partir das narrativas de quem a vive.

Para Didi-Huberman, é nesse ver (o olhar “treinado” do antropólogo como bem nos ensina Roberto Cardoso de Oliveira) que podemos produzir o conhecimento, no diálogo com diversas imagens que surgem ao longo do caminho, presentes na história dos lugares, mas também naquilo que está ausente, como referimos acima:

“Ver também é conhecer. Para Didi-Huberman uma imagem nunca é única, elas são sempre plurais. Em seu processo de trabalho e estudos, ele afirma que quando colocamos diferentes imagens – ou diferentes objetos, como as cartas de um baralho, por exemplo – numa mesa, temos uma constante liberdade para modificar a sua configuração: podemos fazer constelações. Podemos descobrir novas analogias, novos trajetos de pensamento.” (HUAPAYA, 2016, p. 112).

As imagens vistas pelos transeuntes, e elas mesmas nos vendo, (pensando num transporte metafísico entre temporalidades e o espaço material dos trajetos) e que resultaram no exercício de exposição do sensível e de uma antropologia enquanto arte ou estética, não são isentas elas decompõem o mundo, de acordo com Didi-Huberman: “o mundo sofre constantemente decomposições, uma de trás da outra. Bertold Brecht dizia da ‘deslocação do mundo’ que ela é o ‘verdadeiro sujeito da arte.’” (DIDI-HUBERMAN apud HUAPAYA, 2016 p. 113).

Nessa “iluminação” ou “lampejo”, ao montar o diário, apresenta-se a cidade e suas potências de vida, nas maneiras como é ocupada por aqueles que verdadeiramente a praticam (CERTEAU, 1998), na pertença de fazeres e saberes, tal como se percebeu em Jaguarão ao vermos a ressignificação dos espaços, entre os territórios negros e os sagrados e pela transitividade das águas e a pesca.



NESSAS ÁGUAS VIMOS A CIDADE E A FRONTEIRA

A multiplicidade de caminhos, tempos, rumores e líquidos, foi aos poucos deixando para trás a magia daquela "uma terra só", porém sem deixar de levar em consideração o tensionamento que ela nos provoca, não somente enquanto citadinos e jaguarenses, mas principalmente como transeuntes de somos, fronteiriços.

Nessa seara de ruídos e fricções, certamente as águas da cidade foram as responsáveis pela inquietação de perceber a composição desse espaço na voz de quem vive intensamente uma cidade estrangeira, como se fosse um país, uma província, como já foi um dia.

Certamente as narrativas de Santiago e Rosângela, pescador e pescadora das águas doces e turvas da Lagoa Mirim, deixaram transparente a maneira de se praticar e viver os trânsitos diários desse território. Santiago diz:

[...] é área de fronteira no caso, eles têm uma lei, rege uma lei deles, no caso interna deles e nós temos a nossa, no caso cada lei, cada estado...

Rosângela nos alerta da mesma cena sobre o trânsito entre as duas cidades, que por conseguinte, são dois países:

Não, não podemos entrar lá, não podemos pescar no Uruguai, nem encostar ali. Não! Com barco ou rede se a gente encostar com barco e rede ali eles... Só se nós pagarmos uma carta, que nem a verde. É um país, então nós somos área de fronteira.... E por ser uma área de fronteira a pessoa não cai em realidade que isso é um outro país.

Dessa maneira vamos percebendo que existe uma tensão provocada pelas águas, muito embora elas unam esses países e suas cidades, há também uma tentativa de conformar o espaço territorial de cada um.

Portanto, foi assim que comecei a entender que estamos diante de uma cidade múltipla, de uma fronteira múltipla, rodeada pela sensação de irmandade, mas também pelos tensionamentos, afinal estamos diante de uma pluralidade de gentes, bichos, seres e coisas.



NESSAS ÁGUAS VIMOS A CIDADE E A FRONTEIRA

Tal percepção sobre a cidade foram desveladas a partir das narrativas das pescadoras e pescadores na medida em que elas e eles começam a mostrar sua visão e sentidos e dessa maneira expondo as margens de Jaguarão e da forma como como seu modo de vida e sua categoria é vista pela sociedade jaguarense.

Assim eu pergunto para Dejanira como era ser uma pescadora em Jaguarão e ela responde:

[...] a gente nota assim, parece que as pessoas tem um preconceito com o pescador como se a gente fosse imundo, sendo bem sincera, antigamente eu notava mais, hoje em dia já são mais... as pessoas já não são assim né, mas antigamente eu notava que onde chegava os pescadores para um reunião todo mundo olhava, assim atravessado, vamos dizer assim, às vezes vinham reuniões, eu era pequena, as vezes vinham reuniões e curso, faziam no vinte e quatro.

Interessante notar nesse trecho é a afirmação e a negação do preconceito sob a comunidade pesqueira, relacionada à sujeira, não por acaso as reuniões são feitas no Clube 24 de Agosto, fundado por um grupo de amigos negros.

Estamos num lugar do vivido, sentido, em movimento, tal como pontua Michel Agier (2011) sobre o "fazer cidade": "o próprio ser da cidade surge, então, não como um dado, mas como um processus, humano e vivo, cuja complexidade é a própria matéria da observação, das interpretações e das práticas de "fazer cidade". (p. 39).



Nessa mesma linha, Dona Rosa, em diversas passagens nos nossos encontros, sempre tocou no tema do preconceito que a cidade tem contra os pescadores e pescadoras, na sensação de invisibilidade que a cidade relega àqueles que começaram Jaguarão, segundo Rosa nos afirma.

[...] é uma cultura bem antiga da cidade, da pesca, bem antiga. Só que tem muito preconceito por causa dos coronéis, isso tem.

Rosângela vai dizer o seguinte sobre a cidade e a estrutura recentemente construída para o embelezamento do cais do porto a fim de ser um lugar atrativo para o turismo:

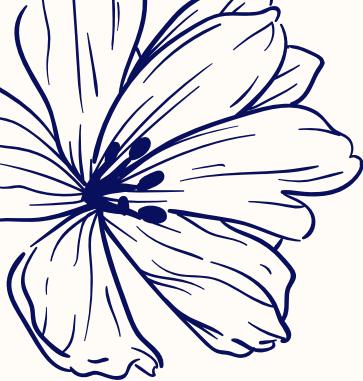
fizeram um calçamento aqui, sendo que aqui a maioria é pescador, não deixaram lugar pro pescador puxar um barco pra pintar, para arrumar, não, eles iam fazer, mas ficou só no papel, não fizeram nada. Então eles querem isso aqui pra bonito né! Só que isso aqui, esqueceram, que aqui é um lugar de pesca.

As margens estão expostas, mesmo sendo um lugar na beira do rio, diante de todas e todos, pois são praticadas por quem vive e experencia seu ponto crítico e ao mesmo tempo real.

Essas narrativas, portanto, apresentam a composição de uma cidade que se faz (Agier, 2011) em sua alteridade e no conflito, mostrando a complexidade que a constitui. Sendo pluriversa e violenta, longe dos primeiros movimentos mágicos que percorremos, mas sem deixar de sê-lo, apresentando suas feridas abertas, estando ao mesmo tempo de costas e mergulhada nas águas do rio.

É de fato, um lugar "compósito" como sugere Renato do Carmo (2009), no qual é possível haver a coexistência de uma multiplicidade de significados, não em uma oposição estática, mas que se provocam (podemos pensar na cordilheira que Carmo evoca, "irregular e imperfeita", mas que torna as relações "dinâmicas e instáveis") saindo do campo abstrato ou vazio, evidenciando a cidade e a fronteira aquática.

CONCLUSÃO



É no pluriverso que se constituem a cidade e a fronteira, entre a maneira como ela se compõem a partir das formas como se habita e pratica o lugar, nos tensionamentos diários, mas, principalmente, na experiência corporal e telúrica, vivaz e violenta, numa constelação formada por essas jaguares, "humanamente" vivas que nos ataca o coração em noite lua cheia, numa corrente entre as mentiras e as verdades.

Nas ruínas diurnas, vistas a partir da dimensão poética e fotográfica quando comecei a montar esses diários (o da revista e do tcc) foram tomando conta das páginas, fazendo do lugar, desse trânsito, algo múltiplo e pluriversal, em constante vai-e-vem.

Porém, é importante compreender que a cada passo, meta, foto, poema, leitura antropológica, a feitura de uma escrita dinâmica e em confluência, foi revelando a potência desses lugares, justamente pelo revés produzido pelas imagens tomadas durante os percursos de campo.

Neste sentido, podemos pensar que o diário gráfico nos proporcionar pensar não somente numa linguagem contranarrativa oficial, tanto da história contada dos lugares, quanto dos modelos acadêmicos, mas nos faz dar um passo adiante ao confluir maneiras de expressão, sem uma complementação, mas em fricção dentro do texto e dessa forma podemos contar e vivenciar essas narrativas.

O texto escrito sem imagens ou evocações poéticas tem tanta validade quanto este que escrevi aqui, entre os recortes de minha própria trajetória acadêmica, mas emaranhado com os linguajares de quem compôs minha formação, desde os professores e professoras, aos colegas com quem tive a alegria de conviver nesses últimos quatro anos e que de maneira indelével marcaram minha segunda passagem pela universidade.

E, por fim, o encontro etnográfico com as interlocutoras e interlocutores, me fez, literalmente, navegar numas águas que ora eram claras e em outras eram turvas, num vai-e-vem que por momentos me deixaram confusa, pois até então não entendia que antropologia também é estar no mundo e fora disso, não faz o menor sentido pensar cientificamente, se não formos de fato tocados e provocados pela vida.





As novas ruínas
Centro de Jaguarão
Setembro de 2021



As novas ruínas
Centro de Jaguarão
Setembro de 2021





As novas ruínas
Centro de Jaguarão
Setembro de 2021



Anexo

Uma descrição antropológica clássica

Neste trabalho encontram-se emaranhados diversas saídas em campo, desde a viagem etnográfica para Jaguarão, com a participação de vários colegas do curso de antropologia, assim como a pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado em antropologia.

No primeiro movimento, foi elaborado um roteiro, de maneira coletiva e com a participação dos interlocutores e a comunidade envolvida para que a saída de campo chegasse a termo.

Assim, antes da concretização da viagem etnográfica, começamos a entrar em contato com o Ilê de Mãe Nice de Xangô, situado no bairro Fundação Carlos Barbosa, na divisa entre esse lugar e o bairro da Vencato e próximo aos dois cerros: da Pólvora, onde está localizada a Enfermaria Militar (Centro de Interpretação do Pampa, em construção) e das Irmandades, onde está situado o cemitério.

Também abrimos diálogo com o Clube 24 de Agosto, clube negro da cidade, com 103 anos de existência, especialmente na pessoa do Sr. Neir Madruga, presidente da instituição e grande lutador pela causa negra no centro urbano de Jaguarão. No Clube foi feita uma grande roda de conversa, tendo a presença das artesãs em jacquard, interlocutoras oriundas da pesquisa da nossa colega Miriel.

No dia proposto, saímos de Pelotas, havia uma chuva leve, um dia cinza e de muito frio, era o forte do inverno, no mês de junho, mesmo assim, ninguém parecia desanimado para o passeio, que prometia descobertas e aventuras.

Num clima de descontração e ansiedade, chegamos a Jaguarão abaixo de mal tempo e de cara encontramos aquele frio da fronteira, banhado pelo rio Jaguarão, a librina molhando nosso rosto e nossas roupas.

Nos dirigimos diretamente para a Enfermaria Militar, onde também encontramos a prof.^a Giane Escobar, docente do curso de História da Unipampa. A partir desse encontro nos foi permitida a entrada no interior da Enfermaria, que se encontra fechada desde os primeiros movimentos para o seu restauro e implantação do Centro de Interpretação do Pampa, que todavia, ainda não saiu das ideias, estando a obra inacabada e sem acesso das comunidades a este espaço.

Foi impressionante entrarmos e nos depararmos com tamanha fantasmagoria, a mistura das ruínas antigas, algumas marcas nas paredes mescladas com as paredes caiadas de branco, como se nada tivesse acontecido. No entanto, caminhando mais adiante em seu interior, percebemos as goteiras, os cômodos inacabados, as plantas e limos, as ruínas de um tempo presente.

Saímos da Enfermaria com um peso e ao mesmo tempo todos se mostravam impactados pela oportunidade de rever, para alguns que já a conheciam, e de conhecer para aqueles que ainda não tinham tido essa oportunidade.



Anexo

Uma descrição antropológica clássica

Logo depois de sair da enfermaria, percorremos um pequeno trecho até o cemitério das irmandades, localizado no ponto mais alto da cidade e de onde é possível avistar a fronteira, as aduanas da ponte e a curva rumo à cuchilha.

Ali podemos ver a opulência da cidade dos mortos, os primeiros colonizadores, mas também homens e mulheres negros sepultados a partir da irmandade dos homens pretos.

Ao fundo notamos o sincretismo religioso a partir de oferendas para orixás e a criação de cabras para sacrifício nos cultos afro-religiosos.

Nossa parada seguinte foi justamente a grupo de Oxum, situada na beira do rio, próxima ao presídio municipal, tendo sido alvo de diversos ataques de intolerância religiosa.

Nesse mesmo dia, almoçamos na casa de minha avó Maria, localizada no Cerro do Matadouro e de lá nos deslocamos para o Clube 24 de Agosto, onde conversamos sobre os patrimônios da cidade, sendo um deles o próprio clube!

Ao cair da tarde passeamos pela orla do rio, a chuva já havia dado uma trégua, mas o frio castigava o corpo. Ali contei sobre a cidade e suas águas, indo em direção às figueiras do Mercado Público, local de desembarque dos escravizados.

Encerramos esse dia no Ilê da Mãe Nice de Xangô, numa grande confraternização cheia de afeto e axé.

Sobre a segunda parte deste trabalho, onde tive a interlocução com as pescadoras e pescadores da Colônia Z-25, tudo começou com as caminhadas pela orla do Rio Jaguarão, mapeando o caminho e as águas.

Posteriormente encontrei-me com o presidente do Sindicato dos Pescadores de Jaguarão, uma das três associações profissionais da categoria. O lugar fica na beira do rio, ao lado da Ponte Internacional Mauá e aos fundos do presídio municipal. É um lugar pequeno, com o letreiro quase se apagando. Conversamos longamente sobre a atividade pesqueira, as organizações da classe e da maneira como se dá a captura do animal e sua venda.

Depois do encontro com esse pescador, foi a vez de conhecer a chamada Vila dos Pescadores, que hoje pertence à Colônia Z-25. É um lugar situado na margem esquerda do rio, próximo à gruta de Nossa Senhora dos Navegantes, muito embora seja localizada no centro da cidade, é considerada periférica, com falta de saneamento básico, esgotamento e calçamento.

Dessa maneira, encontrei uma família pescadora, na casa da matriarca: uma residência simples, pintada de cor ocre, com diversas ervas de chá e temperos e uma enorme gruta com Nossa Senhora Aparecida na frente.

Depois desse encontro, pude ver e sentir a pesca para fora, ao vivenciar a experiência do barco na barra da Lagoa Mirim, lugar de uma beleza imensa, mas que também requer uma sabedoria particular para poder habitá-la, tal qual fazem as pescadoras e pescadores com quem tive contato durante essa pesquisa.



Referências Bibliográficas

- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-se cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Maná** 21 (3): 483-498, 2015.
- _____. **Antropologia da Cidade**. Lugares, situações, movimentos. Editora Terceiro Nome, São Paulo, 2011.
- _____. Viver Muito Tempo na Fronteira: investigações sobre o cosmopolitismo banal, capítulo 3. In: **Migrações, Descentralamento e Cosmopolitismo**. Editora Unesp; 1ª edição, 2015.
- BARROS, Manoel. **Poesia Completa**, Leya, São Paulo, 2010.
- BLASER, Mário. Reflexiones sobre la Ontología Política de los Conflictos Meioambientales. Conferência Pronunciada no Seminário Internacional de Pensamento Contemporâneo, **Universidade de Cauca**, 2015.
- CADENA, Marisol de la. Natureza incomum: histórias do antropo-cego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p.95-117, abr. 2018.
- CAMARGO, Alejandro; CAMACHO, Juana. Convivir con el Agua. **Revista Colombiana de Antropología**, vol.55, nº1, enero-junio, 2019.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O que é isso que chamamos de antropologia brasileira? In: **Sobre O Pensamento Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Brasília: CNPq, 1988, p. 109-128.
- _____. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir e Escrever. In: **O Trabalho do Antropólogo**. Editora Unesp, São Paulo, 2000
- CARMO, Renato Miguel do. Do espaço abstrato ao espaço compósito: reflectindo sobre as tensões entre mobilidades e espacialidades. Capítulo 2. . In: CARMO, Renato Miguel do e SIMÕES, José Alberto (orgs.) **A Produção das Mobilidades: Redes, Espacialidades e Trajectos** Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2009, 272 páginas, ISBN: 978-972-671-250-3.
- CERTEAU, Michel De, **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. Editora: Vozes, Petrópolis, 1998
- DAMATA, Roberto. O Ofício do Etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". **Museu Nacional**, Rio de Janeiro, 1974.
- DAWSEY, John Cowart. Bonecos da Rua do Porto: performance, mimesis e memória involuntária. **Ilha**, Florianópolis, v.13, n.1, p. 185-219, jan/jun. (2011) 2012.
- DAS, Veena & POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. **Revista Académica de Relaciones Internacionales**, núm. 8 junio de 2008, GERI-UAM ISSN 1699 – 3950.
- DEMUTTI, Clayton Nascimento. Jaguarão, suas águas e o Tratado de 1909: uma reflexão a partir das charges da revista careta. **Trabalho de Conclusão de Curso**. História Licenciatura. Universidade Federal do Pampa – Jaguarão, 2015
- ESCOBAR, Arturo. Cultura y diferencia. **Revista de Investigación en Cultura y Desarrollo**, 2012.
- _____. Sentipensar con la Tierra: Las Luchas Territoriales y la Dimensión Ontológica de las Epistemologías del Sur. **Revista de Antropología Iberoamericana**. Volumen 11, número 1, enero-abril, Madrid, 2016.
- ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografia da duração. **Revista Rua**, Campinas, número 16 – volume 1, junho de 2010.

- INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015.
- Trazendo as Coisas de Volta à Vida. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- **Estar Vivo**. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Editora Vozes, São Paulo, 2015.
- Caminhando com Dragões: em direção ao lago selvagem. **Cultura, Percepção e Ambiente. Diálogos com Tim Ingold**. Carlos Alberto Steil e Isabel Cristina de Moura Carvalho (org.). Terceiro Nome, São Paulo, 2012.
- Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação - Revista quadrimestral**, v. 39, n. 3, p. 404-411, Porto Alegre, set.-dez. 2016.
- **Antropologia e/como Educação**. Editora Vozes, São Paulo, 2020.
- JÚNIOR, Luiz César de Sá. Philippe Descola e a Virada Ontológica na Antropologia. **Ilha**, Florianópolis, v.16, n.2, p. 7-36, ago/dez, 2014.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Companhia das Letras, São Paulo, 2019.
- **A Vida não é Útil**. Companhia das Letras, São Paulo, 2020.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. **Contos de Verdades**. Editora ardotempo, Porto Alegre, 2011.
- **Uma Terra Só**. Editora Ardotempo, Porto Alegre, 2011.
- **Contos de Sempre**. Editora Ardotempo, Porto Alegre, 2013.
- **Os Limites do Impossível** – contos gardelianos. Editora Ardotempo, Porto Alegre, 2009.
- **O Outro Lado: Noveleta Pueblera**. Editora Ardotempo, Porto Alegre, 2018.
- **Os Limites do Impossível** – Contos Gardelianos. Editora ardotempo, Porto Alegre, 2009.
- RIETH, Flávia (et al). Diário Gráfico – Às Margens da Jaguarão: viagem etnográfica entre os cerros e o rio. **Revista Áltera**, v. 2,n. 9, 2020
- TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem**. Editora: Paz Terra, São Paulo, 1993.
- TEIXEIRA, Fladiane Nunes. Nas pegadas das crianças: uma etnografia pelo bairro Vencato, Jaguarão/RS. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao programa de pós-graduação em Antropologia. UFPel, Pelotas, 2019.
- WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. Cosac Naify, São Paulo, 2010.